

## Uma proposta de análise crítica sobre o discurso ecológico do/sobre o Brasil entre 2022 e 2024: as bases teórico-metodológicas de um projeto de pesquisa

*A critical analysis proposal on the ecological discourse of/about Brazil between 2022 and 2024: the theoretical and methodological basis of a research project*

Aleffe Silva Araújo<sup>1</sup>

Universidade do Estado da Bahia  
Salvador, Bahia, Brasil

Adelino Pereira dos Santos<sup>2</sup>

Universidade do Estado da Bahia  
Santo Antônio de Jesus, Bahia, Brasil

Carla Severiano de Carvalho<sup>3</sup>

Universidade do Estado da Bahia  
Salvador, Bahia, Brasil

**Resumo:** Neste artigo temos por objetivo apresentar uma proposta de investigação consubstanciada em um projeto de pesquisa de Mestrado da área de Letras, que tem por base os pressupostos teóricos e metodológicos da Análise do Discurso Crítica (ADC). Os aspectos metodológicos da pesquisa preveem a elaboração de um dispositivo de análise de manchetes de jornais, revistas e *websites* de repercussão internacional sobre notícias relacionadas ao discurso ecológico do e/ou sobre o Brasil na mídia dos Estados Unidos da América, no período compreendido entre 2022 e 2024, correspondente ao pleito eleitoral no Brasil de 2022, a transição política do presidente Bolsonaro para o recém-eleito Luís Inácio Lula da Silva e os dois primeiros anos do terceiro mandato à presidência da república deste último (2023 e 2024). Pesquisas anteriores de nossa autoria sobre análise crítica de manchetes de notícias, nas quais o projeto de pesquisa se ampara, apontaram diferentes representações sobre o discurso ecológico do e sobre o Brasil nas mídias estadunidenses nas duas primeiras décadas do século XXI, declinando de representações valorativas de 2003 a 2010, conflitos intensos e contradições entre as práticas sociais e as práticas discursivas de 2011 a 2018 e um acúmulo negativo de desprestígio de 2019 ao início de 2022, interrelacionados aos diferentes governos que assumiram o poder nesses respectivos períodos.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso Crítica. Discurso ecológico. Política brasileira. Manchetes de notícias. Mídias estadunidenses.

<sup>1</sup> Graduado em Letras: Língua Inglesa e Literaturas pelo DCH 5 da Universidade do Estado da Bahia. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens – PPGEL – da *Universidade do Estado da Bahia*- UNEB – Salvador-BA, Brasil. E-mail: [aleffe.araujo@outlook.com](mailto:aleffe.araujo@outlook.com).

<sup>2</sup> Doutor em Letras pela Universidade Federal da Bahia. Professor Pleno da *Universidade do Estado da Bahia*. Docente do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – e do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias das Linguagens – PPGTEL – do Departamento de Ciências Humanas do *Campus 5* da Universidade do Estado da Bahia, em Santo Antônio de Jesus-BA, Brasil. E-mail: [adesantos@uneb.br](mailto:adesantos@uneb.br).

<sup>3</sup> Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Adjunta da *Universidade do Estado da Bahia* (UNEB), lotada no Departamento de Ciências Humanas I. Professora do Curso de Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Espanhola e Literaturas de Língua Espanhola e Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens - PPGEL/(UNEB). Salvador-BA, Brasil. E-mail: [cseveriano@uneb.br](mailto:cseveriano@uneb.br).

**Abstract:** In this article we aim to present a research proposal embodied in a Master's research project in the area of Language and Linguistics, which is based on the theoretical and methodological assumptions of Critical Discourse Analysis (CDA). The methodological aspects of the research envisage the development of a device for analyzing headlines from newspapers, magazines and websites with international impact on news related to the ecological discourse of and/or about Brazil in the media of the United States of America, in the period between 2022 and 2024, corresponding to the 2022 electoral election in Brazil, the political transition from President Bolsonaro to the newly elected Luís Inácio Lula da Silva and the first two years of the latter's third term as president of the republic (2023 and 2024). Our previous research on critical analysis of news headlines, on which the research project is based, pointed out different representations of the ecological discourse of and about Brazil in the American media in the first two decades of the 21st century, declining to value representations from 2003 to 2010, intense conflicts and contradictions between social practices and discursive practices from 2011 to 2018 and a negative accumulation of discredit from 2019 to the beginning of 2022, interrelated to the different governments that assumed power in these respective periods.

**Keywords:** Critical Discourse Analysis. Ecological discourse. Brazilian politics. News headlines. American media.

## INTRODUÇÃO

Neste artigo temos por objetivo apresentar uma proposta de pesquisa de Mestrado em Letras sobre o discurso ecológico em suas representações sobre o Brasil na mídia estadunidense entre os anos de 2022 e 2024. Para tanto, apoiamo-nos no dispositivo teórico-metodológico da análise do discurso, em sua dimensão crítica – a Análise do Discurso Crítica (doravante ADC). O ímpeto crítico da ADC busca, justamente, o desvelamento das assimetrias nas relações sociais de poder, podendo contribuir para a emancipação de grupos desfavorecidos nessas relações assimétricas. A ADC, portanto, não teme a explicitude político-ideológica, pois os “pesquisadores em ADC estão conscientes que seus trabalhos são guiados por motivos sociais, econômicos e políticos como qualquer outro trabalho acadêmico” (Wodak; Meyer, 2009, p. 7). Os pesquisadores críticos não estão em posição diferente de nenhum outro pesquisador, porém a criticidade exige critérios transparentes para que não haja necessidade de se desculpar pela perspectiva crítica adotada (Wodak; Meyer, 2009, p. 7), pois, como diz Van Dijk (2005a, p. 96 *apud* Melo, 2018, p. 32), “a ADC não é neutra e tem orgulho disso”.

A ADC é um campo de estudo e pesquisa inerentemente transdisciplinar, pois, desde sua concepção, para além das relações com outras disciplinas (interdisciplinaridade), tenta romper as fronteiras e estabelecer uma intercomunicação entre a Linguística e os diversos campos do saber. Apesar dessas relações, presumivelmente complexas, as pesquisas desenvolvidas nessa perspectiva buscam rejeitar a escrita rebuscada e hermética porque “[...] qualquer trabalho realizado por ela deve ser ensinável, claro e acessível na socialização das análises e dos resultados de pesquisa” (Melo, 2018, p. 34).

Essa premissa das pesquisas em ADC é corroborada pela visão de Resende (2012 *apud* Melo, 2018, p. 33) que argumenta que “as pesquisas em ADC não são feitas para as estantes das bibliotecas, tampouco para a satisfação pessoal dos pesquisadores(as)”. Ou seja, para além da realização acadêmica, as pesquisas em ADC devem ser úteis para a conscientização dos prejudicados pelas assimetrias sociais, pois, de acordo com

Fairclough (2015, p. 3), entende-se que “[...] aumentar a consciência das pessoas de como a linguagem contribui para a dominação de algumas pessoas por outras como um passo para a emancipação social”.

Fairclough (2015) argumenta, sabiamente, que a conscientização é o “um passo” para a emancipação social, pois é preciso ter em mente que as pesquisas “críticas”, embora contribuam fortemente para isso, não substituem a luta política pela emancipação. As pesquisas críticas podem contribuir com fundamentações teórico-científicas que respaldem posições nessas disputas, entretanto, como bem preconiza a ADC, a ciência não está imune aos jogos de poder e as pesquisas, mesmo as críticas, podem ser instrumentalizadas e deturpadas para subjugação, cooptação e uma “falsa emancipação” que busca reproduzir as relações assimétricas de poder de uma forma diferenciada e diversificada. A crítica, como mencionado anteriormente, precisa ser balizada por critérios bem estabelecidos e estar submetida também à criticidade.

O termo “crítica”, mencionado e explicado brevemente acima, é central em perspectivas que buscam não apenas descrever ou demonstrar, mas evidenciar as estruturas, as conexões e as práticas que sustentam o *status quo* em busca da transformação social. As pesquisas críticas são pesquisas que estão “[...] essencialmente tornando visíveis as interconexões das coisas” (Fairclough, 1995, p. 36) e, com isso, produzir “esclarecimento e emancipação” (Wodak; Meyer, 2009, p. 7). Ser crítico é não tomar as coisas como “dadas”, é historicizar as situações e contextos, percebendo como as estruturas e as relações sociais foram produzidas e são reproduzidas, frequentemente, sustentadas por relações desiguais de poder. É compreender as contradições que são engendradas por essas assimetrias e, a partir dessas compreensões, produzir reflexões que almejam desarticular essas relações, visando o estabelecimento de novas estruturas e relações sociais pautadas pela não subjugação, ou seja, pela emancipação.

Fairclough (1995, p. 36), citando Frederick Engels (2015, p. 51), concebe sua definição de crítico, por um lado, como “comprometida com a teoria e o método dialético ‘que concebe as coisas e seus retratos conceituais essencialmente em seu nexos, em seu encadeamento, em seu movimento, em seu devir e fenecer’ [...]” e, por outro lado, “[...] a visão que, em questões humanas, interconexões e cadeias de causa e efeito podem ser distorcidas”. Essa é a necessidade de uma investigação científica, pois “toda a ciência seria supérflua se a forma de aparecimento e a essência das coisas coincidissem imediatamente” (Marx, 2017, p. 880). Portanto, para Fairclough (1995a, p. 747 *apud* Wodak; Meyer, 2009, p. 7), como também mencionado acima, “‘crítica’ é essencialmente tornar visível as interconexões das coisas”.

O termo “crítica” é a tradução mais comum da expressão cunhada por Fairclough, em 1985, “Critical Discourse Analysis”. Entretanto, a ordem em que o termo “crítica” aparece na tradução da expressão não é pacífico entre os pesquisadores dessa área no Brasil. Há divergência entre “Análise de Discurso Crítica” e “Análise Crítica do Discurso”. A primeira tradução é usada pelos influentes pesquisadores da Universidade de Brasília, onde há um grupo de estudos críticos de discurso bem consolidado, pois, de acordo com Magalhães (2005, p. 2), “[...] no Brasil, a tradição de estudos do discurso é forte” e se consolidou como “Análise de Discurso”, sendo a utilização do termo “crítica” uma forma de demarcar-se desse campo.

A segunda tradução é utilizada por outros pesquisadores da área, pois o primeiro livro disseminado no Brasil abordando estudos nessa perspectiva chamava-se “Análise crítica do discurso: uma perspectiva sociopolítica e funcional”. Eles argumentam que essa é a tradução mais apropriada do inglês e melhor explica a perspectiva de uma análise crítica dos aspectos discursivos (Melo, 2018, p. 26). Ambos os lados possuem argumentos convincentes para o uso que fazem de cada expressão. Portanto, da mesma forma que há diferentes abordagens dentro da Análise Crítica do Discurso, não surpreende a existência de uma celeuma em relação à questão da nomenclatura desse campo de estudo no Brasil.

## **A ANÁLISE DO DISCURSO CRÍTICA E AS NUANCES DO DISCURSO ECOLÓGICO**

A Análise de Discurso Crítica começou a ser desenvolvida e a consolidar seu dispositivo teórico-metodológico entre as décadas de 80 e 90 do século XX, principalmente após as contribuições de Norman Fairclough, em círculos de debates com diferentes linguistas na Universidade de Lancaster. De acordo com Chouliaraki e Fairclough (1999), a ADC pode ser considerada uma continuação da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) e da Linguística Crítica (LC), mas possui contribuições meritorias importantes, pois a “ADC é análise das relações dialéticas entre discurso (incluindo linguagem, mas também outras formas de semioses, ex: linguagem corporal ou imagens visuais) e outros elementos da prática social” (Fairclough, 2003, p. 205).

Embora a Teoria Social do Discurso (TSD) de Fairclough (2016) seja comumente considerada como a ADC em si, os diversos linguistas circunscritos a uma análise de discurso crítica propuseram diferentes abordagens em seus estudos. Essa abordagem, que encampa esta pesquisa, concebe uma concepção dialética entre língua e sociedade, entre discursos e práticas sociais, entre o grau de conscientização que as pessoas possuem ou não dessas relações e o papel dos discursos nas mudanças sociais. Fairclough (2003) considera o discurso como uso social da linguagem e, portanto, elemento irreduzível de todos os processos sociais materiais, evidenciando a importância do conceito de discurso para a ADC.

Todavia, são substanciais os conceitos de poder, ideologia e hegemonia que estão interligados dialeticamente. O poder advém de uma relação de dominação, consentida ou não, e a ideologia é um componente fundamental na manutenção de qualquer estrutura de poder. Os mecanismos de operação da ideologia (Thompson, 2011) contribuem para a manutenção do poder (Wodak; Meyer, 2009) e essa relação é amalgamada com a hegemonia (Fairclough, 1995, 2016). Porém, essa relação de dominação é instável porque o poder se sustenta em uma relação assimétrica. E é, especificamente, essa relação que a ADC tenta desvelar porque essa instabilidade revela fissuras que contribuem para uma transformação nas relações de poder, impactando nas práticas discursivas e sociais.

O conceito de discurso apresentado pela ADC é de fundamental importância neste trabalho de pesquisa, pois o tema de nossa investigação é o Discurso Ecológico do Brasil, em suas práticas discursivas e sociais, e as representações na mídia estadunidense. As questões ecológicas são uma temática central nas discussões atuais, pois impactam os seres habitantes no planeta e o próprio planeta Terra. Esse discurso

apresenta mudanças, alterações e modulações ao longo de sua utilização e a depender de qual perspectiva está embasado.

Ao sistematizarem a origem e o desenvolvimento da ecologia, Lago e Pádua (1984) dividem as fases da ecologia e, conseqüentemente, do movimento ecológico em quatro. A ecologia natural, a ecologia social, o conservacionismo e o ecologismo. Etimologicamente, a palavra ecologia significa “ciência da casa” e essa ciência teria a função de “estudar as relações entre as espécies animais e o seu ambiente orgânico e inorgânico” (Lago; Pádua, 1984, p. 7). Esse conceito, a princípio, puramente biológico, tornou-se mais aprimorado ao acoplar-se a diferentes áreas do conhecimento como sociologia, economia (“ordenação da casa”), política, agronomia, urbanismo etc.

O Discurso Ecológico e o Discurso Político não estão dissociados. Contudo, há vários fenômenos de despolitização da/na sociedade. Um exemplo desses fenômenos é a pós-política (Žižek, 2017). Os discursos ecológicos, por exemplo, precisam ser lastreados em dados técnicos, mas também dentro das disputas ideológicas pelo poder e hegemonia para uma análise da prática social dos diferentes discursos que se apresentam e funcionam como ecológicos em práticas sociais e midiáticas porque a ciência não está imune aos jogos de poder.

O Brasil é central nas discussões ambientais, pois variados interesses estão em jogo, principalmente em relação à Amazônia, e há diversos discursos político-ideológicos disputando os sentidos do ecológico. Os governos das primeiras décadas do século XXI utilizaram-se e utilizam-se de diferentes discursos ecológicos que eram/são repercutidos na mídia estadunidense em jornais, revistas e sítios noticiosos por meio de notícias, reportagens e editoriais. As notícias são um gênero multimodal e intertextual. Multimodal porque pode se apresentar tanto em um jornal impresso quanto em um digital (ou em ambos), comportando diversas linguagens verbais e/ou não verbais. Ademais, o gênero textual notícia pode ser transformado através do envio de notícias por outros meios que “quebram” a formatação tradicional desse gênero.

Da mesma forma que as notícias estão crescentemente funcionando dentro de uma lógica mercadológica, as manchetes também podem ser elaboradas nessa perspectiva porque as “[...] manchetes não são somente resumos rápidos para 'contar' uma história: elas também 'vendem' a história” (Lewin-Jones; Webb, 2013, p. 2). A ADC é, especialmente, útil na análise de discursos midiáticos, pois a carga semiótica dos enunciados pode levar a imprecisões na compreensão dos reais sentidos que pretendem transmitir.

Sendo assim, em face das considerações teóricas apresentadas e do dispositivo teórico-metodológico da ADC, analisaremos as representações do Brasil, engendradas por meio do Discurso Ecológico do país, nas manchetes de jornais, revistas e sítios de notícias da mídia estadunidense durante o ano eleitoral de 2022, a transição político-governamental e os primeiros anos do terceiro governo do presidente Luís Inácio Lula da Silva, a fim de desvelar as relações assimétricas de poder existentes entre as nações e os respectivos interesses presentes nos discursos ecológicos que versam sobre o Brasil.

## **OS ANTECEDENTES DA PESQUISA: O DISCURSO ECOLÓGICO DO/SOBRE O BRASIL NA MÍDIA ESTADUNIDENSE**

As questões ecológicas estão em evidência e preponderância nos meios de comunicação, nas conversas do dia a dia, nos discursos políticos e nas formulações de políticas públicas. Sendo assim, o discurso ecológico é proeminente em diversas discussões em diferentes áreas, inclusive na arena política e no relacionamento entre os países. A República Federativa do Brasil, por exemplo, foi alçada à condição de uma superpotência ambiental devido ao seu inestimável potencial no desenvolvimento de energias limpas e renováveis, na quantidade de água presente em sua extensa territorialidade, nas riquezas minerais, entre outros recursos que são cada vez mais cobiçados por outras nações.

Por essa razão, o Brasil é sempre mencionado em conferências globais relacionadas ao meio ambiente e à ecologia e no noticiário temático contemporâneo, pois detém uma posição privilegiada no que concerne a essas questões, uma vez que, além de possuir uma biodiversidade ímpar entre as nações, é um país central para o equilíbrio do meio ambiente no planeta Terra. Essa recorrência e onipresença do discurso ecológico requer uma compreensão, especialmente para os brasileiros, em torno dos diferentes discursos ecológicos, pois cada movimento, grupo de ativistas, partido político e sua correspondente linha político-ideológica apropriam-se de uma forma diferente dessa temática que é central para o futuro da humanidade.

Por isso, em nosso Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Letras, Língua Inglesa e Literaturas, analisamos o discurso ecológico e suas representações, em especial o discurso ecológico do Brasil na mídia estadunidense entre 2003 e início de 2022. Por meio da análise de manchetes que versam sobre o Brasil em relação às questões ambientais e/ou ecológicas na mídia estadunidense no período delimitado, compreendemos as representações discursivas, as práticas sociais e os impactos na relação do país com outras nações diante de sua responsabilidade na seara ambiental e/ou ecológica.

As investigações apontaram nuances nas representações discursivas a respeito do Brasil em relação a essas questões nas épocas políticas analisadas. Entre 2003 e 2010 o país esteve sob a gestão de Luís Inácio Lula da Silva. As construções discursivas das manchetes nos diferentes veículos de mídia durante os governos Lula informaram um maior comprometimento com questões ambientais e/ou ecológicas, inclusive com a nomeação de Marina Silva, uma reconhecida ambientalista dentro e fora do Brasil, como ministra do Meio Ambiente.

Contudo, as análises das manchetes evidenciaram avanços, mas também recuos, frutos de um governo que equilibrava diferentes interesses, muitas vezes antagônicos. A gestão Lula não passou incólume às polêmicas e críticas nessa área, como demonstram a renúncia da ministra Marina Silva e o apoio presidencial para o projeto de construção de uma usina hidrelétrica em Belo Monte. Esse apoio representou nas construções discursivas das manchetes um governo que estava abandonando ou pelo menos considerando secundárias, em suas práticas sociais, as questões ambientais e/ou ecológicas. Porém, apesar de certa hostilidade às interferências e cobranças estrangeiras, o governo buscava apresentar-se de forma amigável ao meio ambiente.

Entretanto, a prática discursiva e social do governo Lula entre 2003 e 2010, não obstante os reverbos frutos das oscilações e disputas internas e externas e das políticas que engendraram práticas discursivas e sociais desabonadoras em certos momentos, evidenciava um país relativamente ascendente e ambientalmente responsável nas manchetes da mídia estadunidense analisadas. Contudo, Dilma Vana Rousseff, aliada política e sucessora de Lula, eleita em 2010, mostra em seu governo, de forma mais evidente nas construções linguísticas e extralinguísticas analisadas nas manchetes, disputas em torno dos caminhos que a questão ambiental e/ou ecológica assumiria no governo da então primeira mulher presidente do país.

No início do governo de Dilma Rousseff as construções discursivas das manchetes estiveram centradas na aprovação ou não de projetos percebidos como danosos ao meio ambiente por certos setores sociais, assim como havia especulações sobre qual seria a resposta da nova presidente a essas demandas. Não tão conhecida do público nacional nem internacional quanto seu antecessor, as dúvidas reverberavam nas manchetes. Porém, a aprovação da usina de Belo Monte, após intensas disputas sociais que foram evidenciadas nas manchetes analisadas, consequentemente trouxeram uma cumulativa construção negativa para as representações do discurso ecológico e, por conseguinte, para a imagem do Brasil no cenário internacional.

Porém, as representações mostravam um governo ainda compromissado, pelo menos em suas práticas discursivas, com as questões ambientais e/ou ecológicas, mesmo engendrando práticas sociais consideradas não tão harmoniosas ao meio ambiente. Contudo, em 2012 o país sediou a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, conhecida como Rio+20, evocando uma representação positiva do Brasil. Esse evento manteve a tradição do país de buscar a liderança e participação atuantes nessas discussões nos organismos internacionais. Apesar disso, as representações do país sob Dilma, também por motivos diretamente não ecológicos como a multifatorial crise política, social e econômica, tornaram-se, cumulativamente, desfavoráveis para a imagem do Brasil.

Após um controverso processo de *impeachment* contra a presidente Dilma, Michel Temer, então vice-presidente, assumiu o governo. A partir daí, intensificou-se o declínio paulatino nas representações discursivas em relação ao Brasil nas manchetes da mídia estadunidense, principalmente na questão ecológica e/ou ambiental. O governo Temer, em suas práticas discursivas e sociais, engendrou políticas vistas como danosas e mais aliadas aos interesses do chamado “mercado” e do agronegócio porque deixavam margens para uma exploração predatória da natureza e, com isso, as manchetes destacavam leis e decretos que poderiam levar a uma intensa degradação ambiental no país.

Com práticas sociais que engendraram práticas discursivas negativas na mídia estadunidense, o governo Temer, mesmo pressionado por protestos, inicialmente manteve em linhas gerais as legislações que versavam sobre essas questões. Mais à frente, a repercussão negativa na mídia nacional e internacional, juntamente com a pressão social, o fizeram recuar. Contudo, a imagem do país já estava arranhada, pois as práticas discursivas e sociais do Brasil sob Temer não contribuíram para uma melhora e, portanto, os acúmulos discursivos negativos das representações do país na seara

ambiental e/ou ecológica se avolumavam. A esse acúmulo discursivo negativo sobre o Brasil na mídia estadunidense sob o governo Temer associou-se também a viabilidade eleitoral de Jair Messias Bolsonaro.

Bolsonaro e sua retórica era considerada antiecológica pela grande parte dos veículos de mídia internacional, especialmente estadunidenses. Sendo assim, a eleição de Bolsonaro rompeu precedentes também no discurso ambiental e/ou ecológico do Brasil, pois em toda a sua campanha política à presidência da República, Bolsonaro mostrou hostilidade às questões e aos ativistas ecológicos e/ou ambientais. As práticas sociais e discursivas do governo Bolsonaro engendraram representações que colocaram o Brasil em uma espiral de construções discursivas negativas. Mesmo com algumas representações levemente positivas, as manchetes pululavam construções discursivas danosas para a imagem e reputação do país.

Essas manchetes representavam o Brasil como um ator social que não estava mais interessado em liderar tais discussões, mas em explorar de forma predatória e degradante seus recursos naturais em nome do desenvolvimento, da forma como era entendido pelo governo Bolsonaro, comprometendo a regulação climática e, conseqüentemente, a vida na Terra. Sendo assim, as representações discursivas e, por conseguinte, a imagem do Brasil nas manchetes que são consumidas pelo público estadunidense, antes alçada a exemplo, mesmo com representações desfavoráveis em diversos momentos, em muitos aspectos, na questão ambiental e/ou ecológica, degingolou de vez.

Diante disso, as eleições de 2022 eram vistas como uma oportunidade para a reversão (ou não) desse acúmulo de construção negativa a respeito do país, sobretudo nas questões ambientais e/ou ecológicas. Desse modo, neste estudo, buscamos analisar os efeitos do período eleitoral de 2022, com a denominada polarização política, nas práticas discursivas e sociais do Brasil em relação ao discurso ecológico na mídia estadunidense e, por conseguinte, também os impactos da transição político-governamental nos primeiros anos do terceiro mandato do presidente Lula, especificamente nos anos de 2023 e 2024, nas representações sobre o Brasil a respeito das questões ambientais e/ou ecológicas na mídia estadunidense.

## **O PROBLEMA, OS OBJETIVOS E OS ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA: O DISCURSO ECOLÓGICO EM INVESTIGAÇÃO**

As eleições brasileiras de 2022 foram acompanhadas atentamente pelo mundo, pois além de outros fatores político-ideológicos, as questões ambientais e/ou ecológicas estavam candentes no noticiário. Especialmente na mídia estadunidense, pois não obstante os diversos interesses, principalmente em relação à Amazônia, a sobrevivência do planeta Terra estaria em jogo.

Por isso, este trabalho de pesquisa busca analisar as representações discursivas do país, que versem sobre as questões ecológicas, durante o ano de 2022 e, conseqüentemente, os efeitos do período eleitoral sobre elas. Por conseguinte, analisar os reflexos da transição político-governamental e o início do terceiro governo Lula, nos

anos 2023-2024, nas práticas sociais e discursivas do Brasil na mídia estadunidense.

Diante disso, este trabalho de pesquisa guia-se pela seguinte questão: *como os discursos que versam sobre as questões ecológicas do Brasil na mídia estadunidense apresentam-se, em práticas discursivas, sociais e midiáticas, durante o ano eleitoral de 2022, a transição político-governamental e os primeiros anos do terceiro governo Lula?* Essa pergunta-guia nos levará a perceber, por meio da análise das manchetes de jornais, revistas e sites noticiosos da imprensa estadunidense, a respeito do país no concernente às questões ecológicas e/ou ambientais no ano de 2022, na transição político-governamental entre Bolsonaro e Lula e nos primeiros anos do governo Lula entre 2023 e 2024.

Esta pesquisa se direciona pelo seguinte objetivo geral: analisar os discursos que abordam as questões ecológicas do Brasil na mídia estadunidense, em suas práticas discursivas, sociais e midiáticas, durante o ano eleitoral de 2022, a transição político-governamental e os primeiros anos do terceiro governo Lula.

Para o alcance de tal objetivo geral, estabelecemos os seguintes objetivos específicos: a) apresentar o contexto sociopolítico do país durante o ano eleitoral de 2022, a transição político-governamental e os primeiros anos do terceiro governo Lula, relacionando os respectivos discursos ecológicos em relação a outras práticas sociodiscursivas; b) mapear manchetes de jornais, revistas e sites noticiosos estadunidenses do ano eleitoral de 2022, da transição político-governamental e dos primeiros anos do terceiro governo Lula, que versem sobre o Brasil em correlação com os discursos ecológicos; c) analisar as manchetes selecionadas do ano eleitoral de 2022, da transição político-governamental e dos primeiros anos do terceiro governo Lula que versem sobre o Brasil em correlação com os discursos ecológicos, seus modos de funcionamento e suas práticas sociais e midiáticas; d) contrastar as representações do Discurso Ecológico do Brasil na mídia estadunidense do ano eleitoral de 2022, da transição político-governamental e dos primeiros anos do terceiro governo Lula com as representações discursivas precedentes.

Em termos metodológicos, a pesquisa, em sua primeira parte, será de caráter exploratório e com um delineamento de pesquisa bibliográfica, retomando as representações discursivas ecológicas do Brasil em gestões anteriores. Em seguida, realizar-se-á um mapeamento das manchetes de jornais, revistas e sites noticiosos que versem sobre o Brasil em relação ao discurso ecológico durante o ano eleitoral de 2022, a transição político-governamental (2022-2023) e os primeiros anos do terceiro governo Lula (2023-2024) na mídia estadunidense. Esse mapeamento será realizado por meio do mecanismo de busca *Google*, utilizando-se da fórmula de busca: *site:websitename.com [topic/keywords]*, favorecendo a localização das manchetes de jornais, revistas e sites de notícias, disponíveis *online*, abordando questões ecológicas concernentes ao Brasil, em especial em relação à Amazônia, na mídia estadunidense.

Selecionamos, na busca para esta pesquisa, prioritariamente os veículos da mídia estadunidense que possuem uma maior abrangência tanto de circulação quanto na formação de opinião, além de credibilidade relativamente reconhecida. Jornais, revistas e sites noticiosos como *The New York Times*, *The Wall Street Journal*, *Foreign Policy*, *CNN* e *Fox News*, sem desconsiderar a relevância de outros meios de comunicação durante o processo de coleta.

A escolha da amostragem para análise das manchetes será representativa dos diferentes e relevantes momentos sociopolíticos do ano eleitoral de 2022, da transição político-governamental e dos primeiros anos do terceiro governo Lula. Essa definição será tratada de maneira qualitativa, sem dispensar uma leitura da notícia e/ou reportagem que terá sua manchete utilizada. Após a seleção, elas serão analisadas de maneira qualitativa com o dispositivo teórico-metodológico da Análise de Discurso Crítica (ADC), em seu modelo tridimensional/transformativo proposto por Norman Fairclough na Teoria Social do Discurso (TSD).

O modelo tridimensional analisa a dimensão textual (tida como discurso, em sentido restrito, para propósitos didáticos e analíticos), a prática discursiva e a prática social. Fairclough (1992), ao analisar a prática textual, leva em conta o vocabulário, a gramática, a coesão e a estrutura textual. Ao analisar a prática discursiva, considera a produção, a distribuição e o consumo do texto. Para completar a terceira dimensão da análise, a prática social preocupa-se com as condições sociais e seus aspectos conjunturais, perpassando noções como ideologia e hegemonia, entre outras, que possibilitam a prática discursiva. Já o modelo transformacional (Chouliaraki; Fairclough, 1999) engloba noções concernentes à modernidade tardia e, conseqüentemente, a reflexividade, contribuindo ainda mais para a efetiva transformação social proposta pelo modelo tridimensional.

Por meio da análise das manchetes, buscamos, mediante marcadores linguísticos e extralinguísticos, analisar o discurso que versa sobre as questões ecológicas do Brasil na mídia estadunidense, em suas práticas discursivas, sociais e midiáticas, durante o ano eleitoral de 2022, a transição político-governamental e os primeiros anos do terceiro governo Lula. Essa análise possibilitará reflexões em relação às discursividades que versem sobre a questão ecológica, seu funcionamento em práticas sociais e midiáticas na República Federativa do Brasil, contrastando com as representações discursivas precedentes.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As pesquisas de nossa autoria que precedem e sustentam esta proposta de investigação (Araújo, 2022; Araújo & Santos 2023; Araújo & Santos 2024a; Araújo & Santos, 2024b) revelaram que as representações discursivas e, por conseguinte, a imagem do Brasil nas manchetes de jornais, revistas e agências de notícias que são consumidas pelo público estadunidense, antes alçada a exemplo nos primeiros anos do século XXI, mesmo com algumas raras representações maléficas, em muitos aspectos, na questão ambiental e/ou ecológica, degingolaram de vez a partir de 2018, com a eleição à presidência da república de Jair Messias Bolsonaro.

Antes vistas como promissoras, as práticas discursivas e sociais do país não estavam engendrando representações favoráveis nos diferentes veículos de mídia analisados. As eleições de 2022, a depender dos desdobramentos, poderia vir a ser uma oportunidade para o início da reversão (ou não) desse acúmulo de construção negativa a respeito do país, sobretudo nas questões ambientais e/ou ecológicas.

Não obstante os diversos interesses que estão em jogo, para além da sobrevivência do planeta Terra, principalmente em relação à Amazônia, torna-se impositivo ao Brasil a atenção às suas práticas discursivas e sociais em busca de compreender como empreender as mudanças necessárias a uma construção cumulativa positiva a respeito das representações do país na área ambiental. Nada melhor para afastar os fantasmas de uma suposta “internacionalização da Amazônia” do que representações positivas concernentes à proteção ecológica e/ou ambiental em relação ao país porque evidenciará que o Brasil está cuidando, de forma diligente, do meio ambiente e, ao mesmo tempo, de sua soberania.

Destarte, é perceptível, por meio de mecanismos linguísticos e extralinguísticos, que houve uma mudança nos discursos ecológicos do Brasil entre as diferentes eras políticas analisadas, pois as construções discursivas das manchetes representavam o país, de forma benéfica, apesar de práticas sociais e discursivas representadas negativamente, de 2003 a 2010.

Entre 2010 e 2016 essas representações começavam a apresentar sinais de revés, passando a uma representação mais danosa à imagem e reputação do país entre 2016 e 2018 e a uma construção discursiva maléfica entre 2018 e 2022 porque as práticas discursivas e sociais do governo brasileiro de então e seus representantes nesses anos não engendravam representações benéficas ao país, ou as faziam só quando estavam sob muita pressão.

Por conseguinte, lamentavelmente, de 2019 ao início de 2022 o Discurso Ecológico do Brasil nas construções discursivas das manchetes, em especial nas manchetes da mídia estadunidense, é a representação de um Discurso Anti Ecológico do Brasil. Assim, esta proposta de pesquisa, englobando todo o ano eleitoral de 2022, o período de transição política de Bolsonaro para o terceiro mandato do presidente Luís Inácio Lula da Silva, assim como os dois primeiros anos desse último governo poderá, quiçá, apresentar uma nova perspectiva.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. S. Análise crítica do discurso ecológico do Brasil na mídia estadunidense entre diferentes eras políticas (2003 A 2022). Orientador: Adelino Pereira dos Santos. 2023. 206 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Letras: Língua Inglesa e Literaturas, Departamento de Ciências Humanas – Campus V, Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus. 2022.

ARAÚJO, A. S.; SANTOS, A. P. Representações do discurso ecológico do/sobre o Brasil em manchetes norte-americanas: análise crítica sobre as políticas ambientais no governo Dilma Rousseff. In: *Revista Interfaces*. Guarapuava-PR. Vol. 14 n. 2. p. 1-17 (2023)..

ARAÚJO, A. S.; SANTOS, A. P. Passando a boiada: representações sobre o discurso ecológico do Brasil. In: *Revista Letra Magna*. Cubatão-SP. V. 20, nº 35 p. 40-66 (2024a).

- ARAÚJO, A. S.; SANTOS, A. P. Análise crítica do discurso ecológico em manchetes de língua inglesa: as ebulições políticas e as representações do Brasil no governo Temer. In: *Migulim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 13, n. 1, p. 1-24, jan.-abr. (2024b).
- CHOULIARAKI, L; FAIRCLOUGH, F. *Discourse in Late Modernity: rethinking critical discourse analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- FAIRCLOUGH, N. *Critical Discourse Analysis: the critical study of language*. New York: Longman, 1995.
- FAIRCLOUGH, N. *Analysing Discourse: textual analysis for social research*. New York: Routledge, 2003.
- FAIRCLOUGH, N. *Language and Power*. 3. ed. New York: Routledge, 2015.
- FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. 2. ed. Brasília: Editora UnB, 2016.
- LEWIN-JONES, J.; WEBB, M. Ideology in Disguise: Place Name Metonyms and the Discourse of Newspaper Headlines. *Sociological Research Online*, v. 18, n. 4, p. 167-181 ou p. 1-15, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.5153/sro.3185> ou <https://www.socresonline.org.uk/18/4/18.html>. Acesso em: 15 mai. 2022.
- MAGALHÃES, I. Introdução: a Análise de Discurso Crítica. In: *D.E.L.T.A.* São Paulo: EDUC, v. 21, número especial, p. 1-9, 2005. Disponível em: <http://www.dx.doi.org:10.1590:S0102-44502005000300002>. Acesso em: 23 jun. 2022.
- MARX, K. *O capital: livro III*. São Paulo: Boitempo, 2017.
- MELO, I. F. Histórico da análise de discurso crítica. In: BATISTA JR, J.R.L; TAMAÊ, D; MELO, I. F. (org.). *Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas*. São Paulo: Parábola, 2018, p. 21-35.
- PÁDUA, J. A; LAGO, A. *O Que é Ecologia*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. V. S. *Análise de Discurso Crítica*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.
- THOMPSON, J. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- VAN DIJK, T. A. News, Discourse, and Ideology. In: WAHL-JORGENSEN, K.; HANITZSCH, T. *The Handbook of Journalism Studies*. London and New York: Routledge, 2009.
- WODAK, R.; MEYER, M. (org.). *Methods of Critical Discourse Analysis*. 2 ed. Londres: Sage, 2009

ŽIŽEK, S. *O sujeito incômodo: o centro ausente da ontologia política*. Tradução de Luigi Barichello. São Paulo: Boitempo, 2017.